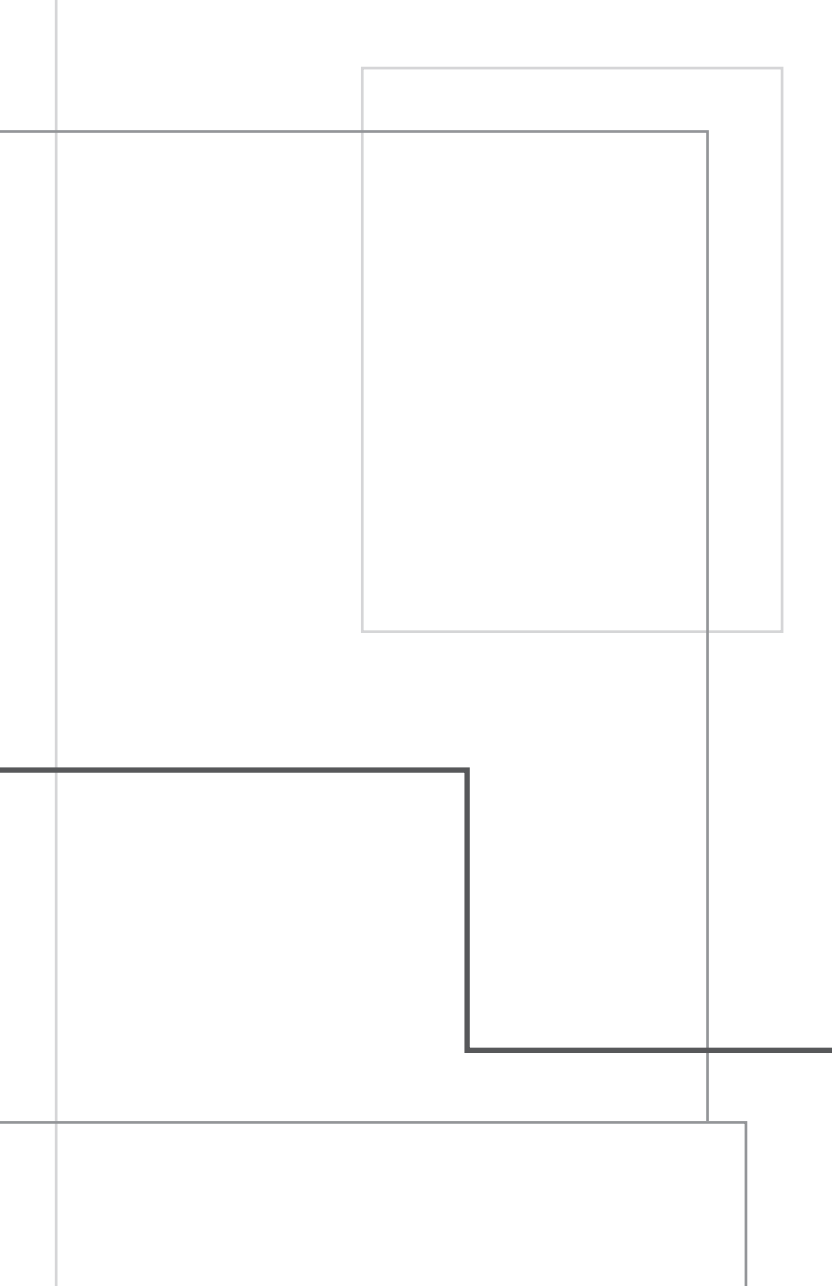


MARTIN HEIDEGGER



PREFÁCIO E ORGANIZAÇÃO DE MASSIMO DI FELICE
TRADUÇÃO DE MARCO AURÉLIO WERLE

MARTIN HEIDEGGER

A QUESTÃO DA TÉCNICA



Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por quaisquer meios, eletrônicos ou mecânicos, incluindo fotocópias, gravações ou qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informação sem autorização prévia, por escrito, do editor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Heidegger, Martin, 1889-1976

Martin Heidegger: a questão da técnica / Martin Heidegger; prefácio e organização Massimo Di Felice; tradução de Marco Aurélio Werle. – São Paulo: Paulus, 2020. Coleção Clássicos para comunicação.

Título original: Die Frage nach der Technik

ISBN 978-65-5562-048-1

1. Filosofia 2. Filosofia alemã I. Título II. Di Felice, Massimo III. Werle, Marco Aurélio

CDD 100

20-1920

CDU 1

Índice para catálogo sistemático:

1. Filosofia



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções: paulus.com.br/cadastro

Teleendas: (11) 3789-4000 / 0800 16 40 11

Direção editorial: *Sílvio Ribas*

Diretor FAPCOM: *Antonio Iraildo Alves de Brito*

Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*

Diagramação: *Júlia Cardoso Nascimento*

Impressão e acabamento: PAULUS

1ª edição, 2020

© PAULUS – 2020

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel. (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-048-1

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE

- 7 HEIDEGGER E A INTERNET DE TODAS AS COISAS: PARA ALÉM DA CONCEPÇÃO MUDIÁTICA DA COMUNICAÇÃO
- 7 I. Em busca de uma linguagem: repensar a comunicação na época da informação
- 11 II. Para além da linguagem do Ocidente: o pensamento depois do ser e da metafísica
- 19 III. A técnica como essência e destino do homem
- 28 IV. Depois da técnica e da mídia

SEGUNDA PARTE

- 33 A QUESTÃO DA TÉCNICA

TERCEIRA PARTE

- 99 VIDA E OBRA: BREVE CRONOLOGIA

PRIMEIRA
PARTE

HEIDEGGER E A INTERNET DE TODAS AS COISAS: PARA ALÉM DA CONCEPÇÃO MIDIÁTICA DA COMUNICAÇÃO

Massimo Di Felice

Centro Internacional de Pesquisa Atopos USP

I. EM BUSCA DE UMA LINGUAGEM: REPENSAR A COMUNICAÇÃO NA ÉPOCA DA INFORMAÇÃO

Nos contextos hiperconectados da nossa contemporaneidade, o processo de digitalização assumiu formas ecológicas, expandindo seu impacto e sua atuação da esfera informativa para as dimensões habitativas. A aplicação de etiquetas, nos objetos e em todos os tipos de superfícies, capazes de transmitir informações na *web* (*internet of things*), assim como a disseminação no ambiente de sensores capazes de dar voz aos rios,

às árvores, às camadas de gelo e aos diversos tipos de biodiversidade, transformou a internet em um conjunto de redes complexas aptas a conectar entidades e superfícies diversas. A consequência de tais novas arquiteturas comunicativas é a construção de ecossistemas interativos e inteligentes. Essas novas arquiteturas de redes conectivas, mais do que “produzir” transmissão de informações, produzem ambientes, ecologias conectivas, expressões de uma condição habitativa que permite a troca informativa entre os diversos membros de um ecossistema-rede.

Mais do que em mídias, meios ou ferramentas, a forma comunicativa criada pelas últimas gerações de redes baseia-se na construção de ambientes e arquiteturas de redes que criam condições habitativas comunicantes entre superfícies, dispositivos, dados, algoritmos e entidades diversas (*internet of everything*).

Pensar a comunicação em rede, portanto, significa não interpretar mais o conjunto de interações apenas como uma troca de mensagens, mas como o compartilhamento de um

habitar comum, informativo e complexo, não mais dizível apenas como um diálogo entre humanos e meios tecnológicos. A complexidade das interações nas arquiteturas de redes contemporâneas obedece às propriedades das formas ecossistêmicas próprias dos ambientes vivos nos quais cada membro, seja mineral ou vegetal, constitui-se a partir das interações com os demais organismos. A qualidade de tal forma comunicativa, mais do que a dimensão dialética “homem-mídia” ou “homem-técnica”, revela as formas de uma complexidade hologramática cuja totalidade não significa a simples soma dos membros, mas na qual cada um desses é composto e formado por todas as informações da rede e do ambiente que habita.

Nesses novos contextos, torna-se necessário repensar a ideia de comunicação para além de seus modelos semiótico-industriais, baseados em paradigmas de fluxos informativos entre entidades comunicantes separadas porque identitariamente distintas (humano, técnica, ambiente etc.).

Pelo contrário, após o advento da internet de “todas as coisas”, do 5G, das formas de inteligências ambientais conectadas, das nanotecnologias e das interações realizadas das biotecnologias nas sequências informativas do DNA, torna-se necessário repensar a ideia de comunicação em uma perspectiva não mais midiática nem tecnológica, não mais como expressão de uma ecologia simplificada e antropomórfica, composta apenas por humanos, mídias e significados, por sujeitos e objetos.

Trata-se de um desafio ambicioso e complexo, análogo ao processo de mudança ocorrido na física a partir do advento da perspectiva quântica – na qual o estudo das partículas subatômicas revelou leis e dinâmicas inexistentes nos fenômenos dos corpos de grandezas superiores. Mas de onde começar? Como pensar e descrever os processos comunicativos para além da perspectiva midiática e para além da dimensão do humano e da técnica?

O primeiro passo é, sem dúvida, a crítica proposta por M. Heidegger à ideia de técnica tal como elaborada pela filosofia ocidental.

II. PARA ALÉM DA LINGUAGEM DO OCIDENTE:

O PENSAMENTO DEPOIS DO SER E DA METAFÍSICA

Como sugerido por G. Vattimo, para Heidegger, “a questão da técnica faz parte da história da metafísica, não é uma questão marginal e deve ser lida a partir da questão do *ser* e da crítica que o filósofo alemão faz à metafísica”.¹

Ao contrário da leitura que depois da Segunda Guerra Mundial tentou aproximar, na Europa, parte da obra de Heidegger ao existencialismo – pondo mais ênfase sobre as questões que mais dialogavam com a filosofia da moda desse período –, uma parte da crítica heideggeriana (E. Levinas, M. Olasagasti, G. Vattimo) preferiu interpretar a contribuição do filósofo alemão à luz da trajetória integral de seu pensamento. Conforme essa segunda perspectiva, toda a produção de Heidegger apresenta-se como um caminho para a busca de uma linguagem que supere o humanismo e a técnica. A partir de

1. VATTIMO, G. *Introduzione a Heidegger*. Roma: Laterza, 1986. Itálico nosso.

tal perspectiva, sua obra adquire o claro e ambicioso significado de superar os pressupostos epistêmicos do pensamento ocidental, pondo em discussão seus principais conceitos: o *ser*, a metafísica, o humanismo e a técnica.

Com *Ser e tempo* (1927), obra que marca a ruptura com seu mestre E. Husserl (do qual havia sido assistente desde 1916, em Friburgo), Heidegger iniciará seu projeto baseado em atribuir ao *ser* uma dimensão não metafísica, em explícito contraste à proposta de toda a filosofia ocidental.

Se, na interpretação dessa última, o *ser* era apresentado como um conceito abstrato, isto é, como uma realidade meta-histórica, em *Ser e tempo* Heidegger busca descrever o *ser* por meio de sua relação com o tempo e o humano, mostrando a intensidade relacional e a dependência da condição comum: “o homem se relaciona ao seu *ser* como a sua possibilidade mais própria”.² Dessa maneira, a condição do homem, mais

2. HEIDEGGER, M. *Essere e tempo*. Milano: Mursia, 1967. Itálico nosso.

do que como uma realidade e uma qualidade objetivas e particulares, expressar-se-ia como uma contínua possibilidade de transformar-se e de superar-se. A existência do homem passa, assim, a assumir o significado da etimologia latina do termo existência (*ex-sistere*, ou seja, “ultrapassar”), que lhe atribui um significado não existencial nem individual, mas mundano e relacional. O humano passa a ser dito, assim, como um *poder ser*, e a sua condição como aquela de um “ser no mundo”.

Ao contrário da tradição do pensamento filosófico e daquele da ciência da época (que encontravam sua própria concepção da realidade a partir da definição objetiva de “objetos” e coisas e da contraposição dessas com o humano), para o filósofo alemão, a única possibilidade de expressar a qualidade do humano e do mundo seria a partir de sua não essência e de suas possibilidades, isto é, a partir de suas relações e transformações ao longo do tempo. A dimensão temporal, dessa maneira, torna-se parte da não identidade e da não essência do humano

e das coisas, impossibilitando, assim, qualquer definição e, conseqüentemente, qualquer atribuição metafísica.

A partir de seu curso de introdução à metafísica oferecido em 1935 (publicado apenas posteriormente), o termo “metafísica” passa a ter em Heidegger um significado negativo. A metafísica representa todo o pensamento ocidental que não conseguiu expressar a relação entre o *ser* e o *ente*, reduzindo o primeiro ao segundo.

Na tradição da filosofia ocidental, tal relação é opositiva e simplificada na medida em que tende a pensar o *ser* como o caráter comum de todos os *entes*.

A separação entre o *ser* e o *não ser*, entre os fenômenos e o *nada*, realizada pela metafísica leva-a a inventar a contraposição entre o *ser* e o *ente*, entendendo o primeiro como abstração e essência pura e o segundo como presença e realidade.

Distinguindo e separando o *ser* do *nada* e do *ente*, a metafísica propõe uma ideia objetiva e definitiva do *ser*, que se torna, assim, um conceito abstrato e reificado, fora do tempo,

assumindo uma forma que inibe sua revelação, suas qualidades e seu desvelamento no tempo.

É nesse sentido que, para Heidegger, a definição metafísica do *ser* comporta, inevitavelmente, o seu ocultamento.

A essa contraposição entre a história do *ser* e a história do homem proposta pela metafísica, Heidegger contrapõe o *Dasein*, o “ser-aí”, isto é, o significado de um *ser* lançado em situação e, portanto, indissociável dos *entes*, dos objetos e dos fenômenos.

À estrutura do pensamento ocidental, baseada no *logos* grego, portador de uma razão classificatória, metatemporal e definitiva, Heidegger contrapõe a arquitetura instável de um pensamento baseado no *Ereignis*, isto é, no “evento”. Nessa perspectiva, o *ser* é evento, possibilidade, e manifesta-se como tal no *ente*, no mundo.

O *ser* nunca é sem o *ente* (o humano) e o humano nunca é sem o *ser*. Nem o homem, nem o *ser* podem ser pensados como entidades “em si”, mas como entidades relacionais, ou seja, dependentes.

Se, na época da metafísica, o *ser* se dava como presença ou como ocultamento, na época pós-metafísica, o *ser* se dá como evento e possibilidade.

Essa dimensão emergente e indizível do *ser* marca a assim chamada virada do pensamento de Heidegger. Nessa virada, depois da obra *Introdução à metafísica*, sua última obra estruturada, o filósofo optará por um tipo de escrita fragmentária, que utiliza a forma do ensaio, com o explícito intento de superar a linguagem e a gramática da lógica metafísica.

Enquanto evento, o desvelamento do *ser*, de seu caráter emergente e indefinido, é buscado por meio do estilo de uma escrita e de um raciocínio que tentam expressar a sua condição impermanente e mutante. Narra-se que, quando Heidegger escrevia a palavra *ser*, fazia-o grafando um “X” sobre ela, a fim de expressar, de um lado, que a palavra não indicava o *ser* da metafísica e da tradição filosófica ocidental e, de outro, para ressaltar o caráter impermanente e não ontológico que o queria como parte de

uma “quadrúplice constelação” e resultado do conjunto de interações entre céu, terra, divino e mortais.

A busca do caráter emergente e revelador do ser é perpetrada também a partir de um método de raciocínio particular, baseado na análise etimológica dos termos e no contínuo recurso ao significado e à composição originária da palavra. A escolha de voltar à origem grega de um termo não significava, em Heidegger, a busca de uma raiz histórico-objetiva e de um significado “verdadeiro”; ao contrário, a volta à origem e, portanto, ao berço da civilização ocidental passava a assumir, paradoxalmente, o sentido da descoberta de um significado inédito e deslocador, tornado possível pelo caráter polissêmico do grego antigo. A volta à tradição e à origem assumia assim o provocador significado de uma superação das mesmas e a possibilidade da descoberta de um outro caminho, não existente e não contemplado na tradição.

Em *Carta sobre o humanismo*, de 1947, Heidegger admitirá não ter podido chegar até o fim

de seu projeto *Ser e tempo*, pois lhe faltaria a linguagem. Ou seja, faltar-lhe-iam a forma e as palavras para expressar uma condição não mais metafísica do ser. Será assim que a poesia de F. Hölderlin se tornará o ponto de (não) chegada de seu pensamento, pois será por meio desta e a partir do recurso à linguagem poética que se tornará possível entrever e desvelar, por meio do hermetismo natural de sua forma não definida, o evento e a dimensão não ontológica do ser.

O pensamento, assim, não será mais um ir até as coisas por meio da linguagem, mas um processo de gradual desvelamento a partir da busca de uma linguagem e de significados inéditos, da dimensão emergente do mundo, do *ser* (evento) e do caráter não metafísico de todas as coisas. As coisas deixam, assim, de pertencer a um mundo externo e tornam-se parte da ecologia do *ser* e do homem (*quadratura Geviert*).

A assunção da derrota da linguagem assume, em Heidegger, um duplo significado: de um lado, a confirmação da incapacidade, por parte da linguagem do Ocidente e de seus

conceitos e categorias, de alcançar a dimensão temporal do *ser* e do evento, do outro, por meio do reconhecimento dos limites do pensamento esclarecedor, o reconhecimento da validade de um pensamento aberto ao indizível e sempre dirigido ao inédito e ao novo.

É nesse sentido que a obra de Heidegger assume a forma da busca de uma linguagem capaz de expressar a temporalidade do *ser* e a dimensão não metafísica do mundo.

III. A TÉCNICA COMO ESSÊNCIA E DESTINO DO HOMEM

O que é verdadeiramente inquietante não é que o mundo vem se transformando num lugar dominado por completo pela técnica. Muito mais inquietante é que o homem não é em nada preparado para essa radical transformação do mundo. Muito mais inquietante é que não somos ainda capazes de alcançar, a partir de um pensamento, uma confrontação adequada com o que está realmente acontecendo em nossa época.

M. Heidegger, conferência em Messkirch